

**ENSAIO**

## **Al Borde: inserção na realidade como lugar de aprendizagem**

**Pascual Gangotena (AL BORDE, Equador)**  
contact@albordearq.com

**David Barragán (AL BORDE, Equador)**  
contact@albordearq.com

**Marialuisa Borja (AL BORDE, Equador)**  
contact@albordearq.com

**Esteban Benavides (AL BORDE, Equador)**  
contact@albordearq.com

## **Al Borde: inserção na realidade como lugar de aprendizagem**

**Resumo:** Este ensaio apresenta uma coleção de cinco ações projetuais realizadas de maneira colaborativa pelo coletivo de arquitetos equatorianos Al Borde. Este coletivo busca estreitar a distância entre o ensino acadêmico e a prática construtiva, além de aproveitar ao máximo as condições locais como parte relevante do projeto a ser realizado. Essa postura tem como intuito empoderar pessoas e criar um ambiente real de ensino acadêmico, fugindo da prática simulada ainda comum ao meio universitário. O coletivo Al Borde acredita em ações socialmente engajadas, cujo resultado se expressa na forma de empoderamento e produz uma estética que nasce do território trabalhado conjuntamente.

**Palavras-chave:** Arquitetura, Al Borde, Design colaborativo e Desenvolvimento.

## ***Al Borde: insertion in reality as a place of learning***

**Abstract:** *This essay presents a collection of five design actions carried out collaboratively by the collective of Ecuadorian architects Al Borde. This collective seeks to narrow the distance between academic teaching and constructive practice, in addition to making the most of local conditions as a relevant part of the project to be carried out. This stance is intended to empower people and create a real environment for academic teaching, escaping from the simulated practice still common in the university environment. The collective Al Borde believes in socially engaged actions, the result of which is expressed in the form of empowerment and produces an aesthetic that is born from the territory worked together.*

**Keywords:** *Architecture, Al Borde, Collaborative Design and Development.*

## 1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo dar visibilidade a algumas das ações e projetos do *Al Bordo*<sup>1</sup>, escritório de arquitetura equatoriano, fundado em 2007 por Pascual Gangotena (Quito, 1977), David Barragán (Quito, 1981), Marialuisa Borja (Quito, 1984) e Esteban Benavides (Quito, 1985). “Destaque em diversas exposições, o grupo é conhecido por ter como objetivo transformar a escassez em um ativo estético e socialmente empoderador”<sup>2</sup>.

Desde o início de sua prática, buscavam estar próximos da academia. Apesar de manifestarem interesse em manter relação com a universidade, não deixavam de expressar algumas críticas ao meio acadêmico, principalmente por identificarem que boa parte dos conteúdos estudados durante o período de formação nem sempre teria utilidade na vida profissional futura.

Segundo a percepção do coletivo de arquitetos, é comum o baixo aproveitamento ou a pouca valorização dos alunos em relação aos conteúdos ministrados pelos professores durante a graduação. Posteriormente, no entanto, percebeu-se que diversas dessas disciplinas — como gestão, construção, detalhes, despesas — lhes faria falta. Por esse motivo, defendem que seriam melhor aproveitadas se ministradas em conjunto com a prática, visto que a realidade profissional evidencia serem, de fato, necessárias.

Outra crítica empreendida pelo grupo recai sobre o fato de a universidade estabelecer um cenário que simula a realidade, a fim de que os estudantes possam imergir nessa simulação e buscar uma solução para um problema concreto a partir da arquitetura. “Sempre nos pareceu que essa simulação não encaixa na realidade. Seria muito mais interessante que os projetos trabalhassem em torno da realidade e não numa simulação dela”<sup>3</sup>.

## 2. Casa barrial 11 de mayo

Desde o princípio, idealizamos uma oficina que previa congregar toda a força de estudantes de arquitetura da universidade em uma comunidade. Este projeto ocorreu na periferia de Quito, mas poderia ter sido em qualquer periferia latino-americana. Criamos uma equipe com os estudantes e com a comunidade para trabalhar durante um tempo determinado.

1 [www.instagram.com/albordearq/](http://www.instagram.com/albordearq/)

2 Disponível em: [www.albordearq.com](http://www.albordearq.com). Acesso em 17 abr. 2022.

3 Seminário Internacional de Ensino | Arquiteturas do Sul. Realização de Dau/Esdi/Uerj. Petrópolis, 2021. 1 vídeo (124 min.), YouTube, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r9vY4Dw-EKg&t=609s>. Acesso em: 17 abr. 2022.

A metodologia de estudo não se diferenciava das metodologias que havíamos aprendido. O principal era definir claramente um problema e, depois, dar a solução para ele, da maneira mais coerente possível. O trabalho foi realizado na comunidade, com acompanhamento em aula. Em cada passo que dávamos, envolvíamos a comunidade na avaliação do processo, visando mantê-lo sempre no caminho correto. Tratar do processo, na realidade, se tornou um processo em conjunto.

Identificamos a necessidade mais importante dessa comunidade: uma casa “comunal”. Um lugar que permitisse às pessoas se reunirem para prosseguir com o processo de organização comunitária. Havia uma base para essa casa, que já estava construída, porém ela se encontrava em mau estado. A falta de colunas mostrava que essa estrutura necessitava de muito reforço.

Desenvolvemos um projeto com os estudantes, nessa ocasião o apoio da universidade consistiu em permitir a realização da oficina. Tudo foi feito a partir da gestão com a comunidade. Os estudantes desenvolviam o desenho e também trabalhavam na construção. Esse trabalho se realizou com grupos de estudantes, que atuavam em cada um dos componentes dessa arquitetura. Optamos por uma estrutura metálica, porque muitos dos habitantes do lugar entendiam de soldadura. Também adotamos a reciclagem: todas as janelas foram feitas a partir de material reutilizado.



FIGURA 1. Proceso de construcción – Casa Barrial 11 de Mayo – Taller Al Borde PUCE – ©Taller Particular



FIGURA 2. Casa Barrial 11 de Mayo – Taller Al Borde - ©Taller Particular

### 3. Última Esperanza

Esse projeto se iniciou em 2009, quando construímos o que chamamos de escola Nueva Esperanza e, em 2011, o Esperanza\_dos. Conhecíamos muito bem a comunidade, sabíamos como trabalhar e eles sabiam como trabalhávamos. Em 2013 surgiram várias novas necessidades, já não era apenas um tema de escola, era necessário pensar e construir muitos outros projetos.

Eles sempre construíram sua própria arquitetura, possuíam seus materiais e seus recursos. Essas pessoas construíam suas casas com materiais locais, porém construir em conjunto era algo que ainda não havia ocorrido. Decidimos, nesse momento, fazer o mesmo que havíamos experimentado na universidade: uma oficina de arquitetura visando lhes demonstrar nossas formas de desenhar e incentivá-los a desenhar seus próprios equipamentos. Foi interessante reunir um grupo de aproximadamente dez pessoas, sendo a menor de quatorze anos e o mais velho de sessenta anos de idade. Além disso, a metade dos participantes não sabia ler nem escrever.

Nos pautávamos na premissa de que era possível concretizar a arquitetura a partir de outro ponto de partida, não sendo requerido, inevitavelmente, uma pessoa que tivesse acessado a educação formal – estudado em uma escola e depois em uma universidade – para fazer arquitetura. Os integrantes dessa comunidade já haviam construído suas casas sem ter tido acesso a essa educação formal e isso era um fato. Começamos o processo com



desenhos iniciais, apesar de o desenho não ser uma de suas habilidades. O que fizemos foi utilizar os recursos que detínhamos para começar a entender sistemas de desenho e, aos poucos, eles foram construindo uma ideia conceitual de projeto. O plano era construir um projeto de arquitetura que abrigasse seus filhos pequenos.

Então, definiu-se que o melhor era que esse berçário tivesse um espaço central, para que o professor pudesse acompanhar o que se passava em todos os pontos do ambiente. Não haveria somente lugares fechados, mas também espaços abertos que permitissem visualizar a natureza. Nesse ponto, nos demos conta de que o desenho não era uma de suas habilidades e foi necessário construir maquetes que não só permitiam estudar o espaço, mas que foram pensadas como um sistema construtivo, para que os passos seguintes fossem simples.

Realizamos alguns exercícios para identificar qual seria o melhor lugar para implantar o projeto. Escolheu-se o local e foi iniciado o processo de construção. O projeto foi finalizado contando com quatro alas: espaço para um ambiente mais controlado, local para dormir, ambiente de criação e área para funcionamento de uma cozinha.



FIGURA 4. Maquete construtiva – Última Esperanza – ©Al Borge



FIGURA 5. Proceso de construcción – Última Esperanza ©Al Borde



FIGURA 6. Las Tres Esperanzas - ©JAG Studio

#### 4. Estúdio Al Borde UTI

Outra experiência foi a “Al Borde UTI”. Foi necessário fazer algumas modificações no nosso sistema, porque agora iríamos trabalhar em uma universidade em outra cidade e não poderíamos estar em todo o tempo presentes. Não era prudente correr o risco de que houvesse algum erro no processo,



afetando a comunidade. Por estarmos longe, buscamos um sistema em que o risco de fracasso não afetasse terceiros.

Planejamos que os estudantes resolvessem um problema pessoal, um problema de sua vida, por exemplo: um projeto de um estudante que fazia parapente e que necessitava de um refúgio para os seus clientes, para que não passassem frio nos momentos em que não pudessem voar. As ferramentas eram bastante básicas, tanto no desenho, como na maquete, mas isso não impediu que o projeto fosse interessante e que se materializasse. Conseguiram uma máquina para fazer um buraco para o projeto e seguiram com um processo na ideia de que as pessoas que voassem por cima não se deparassem com uma construção. A arquitetura estava escondida na terra e funcionava como refúgio. Esse foi o relato de um projeto pessoal de um estudante de arquitetura que gerenciou os materiais, a construção e todo o restante.

Outro projeto detém o mesmo princípio de desenvolvimento. Um estudante que vivia fora da cidade desejou construir um pequeno escritório de arquitetura. Trabalhou com recursos disponíveis, um deles foi sua família, que conhecia o processo construtivo.

Um terceiro projeto que não consistiu em um problema a ser resolvido, mas em um sonho. Um estudante pretendia ter um pequeno lugar para descansar próximo à água, pois ele vivia em uma região distante. Durante o semestre, ele foi desenvolvendo o processo e aprendendo com as pessoas, até materializar o projeto final.



FIGURA 7. Nido del Quilico – Taller Al Borde UTI ©JAG Studio





FIGURA 8. Kusy Kawsay – Taller Al Borde UTI ©JAG Studio

## 5. Casa Patch

O penúltimo projeto sobre o qual pretendemos discorrer é um projeto em mudança, realizado fora da universidade. Um grupo de amigos criou um coletivo com a intenção de fazer arquitetura, porém, como tinham acabado de sair da universidade, não possuíam confiança suficiente para desenhar e construir sua primeira obra. Por outro lado, nós estávamos em um momento em que tínhamos um significativo número de projetos já desenvolvidos e inúmeros clientes que nos pediam para desenhar suas casas. No nosso entendimento, o melhor que podíamos fazer era estabelecer um vínculo para que esse coletivo desenhasse uma casa, contando sempre com o nosso apoio. Nós, então, agiríamos como guias, como tutores e professores desse processo, que envolvia desenho e construção de uma habitação real.

O pequeno escritório do coletivo funcionou dentro do nosso e nós fomos guiando esse processo de desenho, que culminou na construção de uma habitação. Reforçamos, que atuamos como uma academia, como um lugar para se aprender. As decisões são tomadas pela equipe junto aos clientes. Guiamos esse processo para que o proposto se cumpra e para que não haja riscos desnecessários. Por outro lado, procuramos mostrar todos os lugares em que se pratica a arquitetura e permiti-los ingressar nesses lugares, tornando-se parte dessa cadeia.



FIGURA 9. Casa Patch – Taller Al Borde – Esse Colectivo ©Lorena Darquea

## 6. Estúdio Al Borde UCAL (Peru)

O último projeto sobre o qual discorreremos situa-se fisicamente ainda mais distante. Já havíamos ensinado em outra cidade e, agora, em outro país. Havia uma recém-criada faculdade de arquitetura desta universidade e o reitor Manuel de Rivero, buscava formar seus professores, formar a base de seus docentes. Para isso, ele costumava convidar pessoas de outras localidades para que, durante um período, transmitisse aos docentes locais a sua maneira de trabalhar com o intuito de que posteriormente os professores mantivessem a oficina. Escolhemos, juntamente com o reitor, pessoas com experiência em desenho participativo e com experiência na academia. A dificuldade, no entanto, recaía sobre a unificação dessas duas habilidades, por esse motivo é importante retomar a inserção da realidade em um lugar de aprendizado.

Viajávamos uma vez ao mês para dar sequência e para apoiar o processo dessa oficina. Ao final, foram quatro anos nessas linhas do processo e durante esse período se passaram muitas coisas com a mesma ideia, com a mesma lógica, estudantes e comunidade gerando um projeto comum.





FIGURA 10. Presentación de maquete a la comunidad – Taller Al Borde UCAL ©Taller Al Borde - UCAL



FIGURA 11. Casa de la Memoria Viva – Taller Al Borde UCAL ©Eleazer Cuadros



---

### Como referenciar

GANGOTENA, Pascual; BARRAGÁN, David; BORJA, Marialuisa; BENAVIDES, Esteban. Al Borde: inserção na realidade como lugar de aprendizagem. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, pp. 34-45, ago./2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

---

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2021.70224>

---



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 22/06/2022 | Aceito em 03/09/2022